

A VIDA SOB SUSPEITA: OS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA EM *FERA D'* *ALMA*, DE HERTA MÜLLER

Adriana Yokoyama(UFSM)¹
Rosani Úrsula Ketzer Umbach (UFSM)²

Resumo: Os esforços para se compreender a violência têm encontrado trânsito nos mais variados campos das ciências. Na literatura, por sua vez, principalmente na literatura do pós-guerra, tais reflexões apresentam a proposta de registrar, denunciar e pensar a presença e os efeitos desse fenômeno sobre os indivíduos. Portanto, por intermédio da obra *Fera d'alma* (2013), de Herta Müller, objetivamos apresentar as memórias da ditadura de Nicolae Ceausescu (1965-1989), descrevendo a intensidade e os efeitos desse sistema repressivo e violento, que infringiu o direito natural dessas minorias, auxiliado pelo processo ficcional na tentativa de dar conta desse descalabro da humanidade.

Palavras-chave: Herta Müller; Memória; Violência; Ficção; Realidade.

Introdução

“Quando ficamos em silêncio, nos tornamos desagradáveis, quando falamos, nos tornamos ridículos”. A frase que inicia o romance *Fera d'alma* (2013), de Herta Müller, marca a complexidade de uma trajetória discursiva pautada por uma linha tênue entre o dizer e o calar. É, portanto, no vão dessa articulação/desarticulação da linguagem, constituída pelo processo de verbalização, atrelada a uma espécie de infração sensível da linguagem, no que se refere ao silenciamento, que encontramos as razões que desencadeiam o impasse da língua: a repressão e o medo. Em virtude dessa sensibilidade, a narrativa de *Fera d'alma* traz as memórias de uma narradora sobre as dificuldades de narrar e calar em tempos sombrios, ou seja, sob a atmosfera ditatorial da Romênia.

A narrativa em primeira pessoa marca o discurso conduzido pelas lembranças de uma jovem, não nomeada no romance, que se desloca do vilarejo em que vive para a cidade, a fim de cursar a faculdade. A medida de seis corpos acondicionados em seis camas, respectivamente, era a dimensão estrutural do pequeno alojamento feminino em que vivia, juntamente com seis malas, uma debaixo de cada cama. É nesse minúsculo espaço e, diante de uma das figuras mais enigmáticas da obra, a personagem Lola, que a

¹ Adriana Yokoyama é doutoranda na área de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. É bolsista Capes e participante do grupo de pesquisa Literatura e Autoritarismo (UFSM).

² Rosani Umbach é professora do Dep. de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM.

percepção que circunda a vida e o mundo desta jovem será significativamente alterada. É ela que irá contribuir para desencadear a consciência sistemática das experiências ditatoriais do período, pois, com a morte desta personagem, a jovem estudante percebe com mais clareza as estratégias do movimento repressivo no qual está inserida.

Avessa à corrosão social do Estado, ela se recusa a viver sob o domínio do regime. Dessa forma, ao lado de três amigos da faculdade: Edgar, Kurt e George, a personagem passa a desafiar a morte pela necessidade de vida. Leitores críticos de livros proibidos pelo governo, os estudantes trafegam pelo espaço repressivo do momento, conscientes da vigência de um sistema ditatorial e desumano e, por este motivo, trazem consigo a força para resistir. O resultado dessa resistência é marcado pela presença constante da perseguição, do medo, da desconfiança e, sobretudo, da violência. São os elementos incorporados à rotina do sistema ditatorial para conter a formação e disseminação de ideologias contrárias ao Estado. Contudo, ainda que os mecanismos repressivos estivessem atuantes, os estudantes persistiam em suas leituras e reflexões, sempre às escondidas. A união desses amigos era, antes de tudo, uma forma de suprir a ausência do contexto familiar e, ainda, manter a razoabilidade necessária para sobreviver ao sistema. Embora o equilíbrio pessoal de cada um desses jovens dependesse dessa amizade, é importante ressaltar que ela não se eximia de gerar desconfiança e insegurança entre eles.

A sensação iminente de uma possível delação, fato este que nos causa estranhamento, afinal, espera-se na amizade que a fidelidade/lealdade seja um elemento fundamental para a sua perpetuação, pairava constantemente. Não por um desatino, mas por uma questão de sobrevivência. É a presença do sistema cerceando liberdades, encarcerando e corroendo a vida daqueles que não comungavam das mesmas ideologias. A perseguição, a vigilância e os constantes interrogatórios, desejosos do medo e da fraqueza humana, minavam a cada tentativa a esperança da vida.

A intrínseca relação entre vida e obra

A narrativa de *Fera d'alma* apresenta traços muito semelhantes à vida de Herta Müller. Assim como sua personagem principal, Müller tem origem em uma pequena comunidade de minoria alemã na Romênia. Nascida em 1953, a escritora tem em sua formação o contexto de uma atmosfera do pós-guerra, tecida sob as bases da tradição

alemã e, sobretudo, do silenciamento. Em seu *isolamento*, vivendo em um território fechado e que prezava pela tradição, a única língua falada era o alemão. A forte presença de uma ideologia nazista fazia manter vivo o seu passado e o seu etnocentrismo. Aos 15 anos, ela deixa o pequeno vilarejo e vai para a cidade estudar. É na cidade de Temeswar (Timisoara) que a sua percepção sobre a violência e a repressão será ampliada. Ela se depara mais diretamente com o regime ditatorial de Nicolae Ceausescu: cerceando liberdades, perseguindo, torturando e, muitas vezes, assassinando. Müller se dá conta “que sua pequena comunidade é apenas uma espécie de miniatura do que é o país todo, uma mentalidade totalitária dentro de outra bem maior” (BLUME, 2010, p. 1-2).

Sua consciência sobre as atrocidades do regime torna-se ainda mais clara após seu ingresso na faculdade. Pois, recusando-se a trabalhar para o serviço secreto do país, ela passa a ser perseguida constantemente. É nesse espaço vigiado que a escritora encontra, na cumplicidade de três amigos, a força para resistir ao sistema, mas também se dá conta de quanto o medo pode inviabilizar as relações humanas. Assim, marcada por essa memória traumática, Herta Müller escreve sua obra ficcional, *Fera d'alma*, auxiliada por inúmeros traços autobiográficos que se estendem à quase totalidade de suas obras. Em suas narrativas, norteadas por essa prática, Müller clarifica e pontua a necessidade de narrar as suas próprias experiências.

Embora ancorada pela história, o elemento ficcional tem participação significativa na obra mülleriana. Dessa forma, mesclando ficção e realidade, sua obra apresenta a habilidade de uma escritora em relatar as experiências de um contexto marcado por esses registros cruéis de degradação e extinção da raça humana pelos seus iguais, utilizando-se da mais completa autenticidade e precisão para transmitir a verdade, mesmo no contexto ficcional em que a imaginação se funde ao relato. Todavia, ela empresta a narradora de *Fera d'alma* seus sentimentos, suas memórias, seus traumas e muito do seu sofrimento para transmitir a veracidade e *precisão* dos fatos. Em uma entrevista concedida em 1998, citada pela professora e estudiosa de Müller, Rosvitha Friesen Blume (UFSC) em seu artigo: *Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã* (2013), a escritora explica como a sua escrita lida com sua reação à experiência vivida e a inserção da ficção, que abarca muito de sua obra. Definindo a profundidade dessa composição, Müller declara:

Ora, eu não escrevi absolutamente nada em meus livros como aconteceu. Mas eu preciso dessa relação segura com a experiência para ir à ficção. [...]. Talvez tenha de ter vivenciado vinte interrogatórios para inventar um (BLUME apud *in* HAINES/LITTLER 1998, p. 14-15).

É, portanto, na experiência do interrogatório, mas não somente, que a escritora tenta alcançar e explicitar a complexidade de sua relação indissociável com a ficção. Este fato, recorrente em algumas de suas obras, expressa-se da seguinte forma no romance *Fera d'alma*:

Fui interrogada pelo capitão Pjele sem o cão Pjele. Talvez o cão estivesse sendo adestrado numa sala desse prédio que parecia um caixote a fim de apreender algo novo ou estava treinando o velho, enquanto o capitão Pjele me interrogava. [...] Havia uma folha sobre a mesa. O capitão Pjele disse: Leia. Na folha estava o poema. Leia em voz alta para que nós dois nos divirtamos, disse o capitão Pjele. Li em voz alta: Todos tinham um amigo em cada pedacinho de nuvem num mundo cheio de perigo, com os amigos é assim minha mãe também diz que isso é muito normal amigos nem pensar pense em coisas mais sérias. [...] Tive de cantar o que o capitão Pjele tinha composto. Cantei sem ouvir minha voz. Passei do medo para o medo mais seguro, que canta como canta a água (MÜLLER, 2013, p. 101-102).

A necessidade de narrar o que parece inenarrável deixa transparecer a importância da ficcionalização dos fatos, ainda que baseada em fatos reais, “para produzir essa prova, sem ultrapassar os limites do círculo mágico da forma” (ADORNO, 2003, p. 59) e atingir o leitor, transmitindo-lhe a sua utilidade. De acordo com Blume (2013), Müller emprega uma intensidade autobiográfica tão impactante em seus ensaios que o leitor ao mesmo tempo em que se depara com uma escrita altamente artística, vê-se diante de um relato direto e espantosamente franco em relação às suas experiências (BLUME, 2013, p. 56). É pela força da palavra que a escrita mülleriana capta o seu leitor, a fim de conduzi-lo a um espaço ficcional que tenta dar conta do absurdo impresso pelo regime repressivo.

Assim, envoltos pelo espaço ficcional, mas conscientes das experiências de Müller, seus leitores tornam-se habilitados a compreender com mais clareza o seu projeto literário. Em *Fera d'alma*, muitos são os traços autobiográficos que se aproximam das histórias vividas por Müller. O relato que faz referência ao estado alterado de um homem, cujo efeito deve-se ao excesso de bebida alcoólica, provavelmente, relaciona-se à vida da escritora, tendo em vista o alcoolismo de seu pai.

Contratada por uma família para dar aulas de alemão a seus dois filhos, a narradora-personagem desta obra descreve os acontecimentos ocorridos no espaço familiar:

Escutei gritos nas escadas. Vinham do terceiro andar. Lá ficava o apartamento onde eu devia dar minhas aulas de alemão. Diante dele, não pude bater pois a porta tinha sido tirada. Ela estava junto à parede nas escadas. Saía fumaça do apartamento. O fofinho do peleiro estava pingando e ele só balbuciava. Ele fedia a aguardente. [...] Ele arrancou a porta de raiva, disse a criança menor, depois quis bater na mãe. Ela correu e se trancou no quarto. Ele se sentou na mesa da cozinha e bebeu aguardente. Fui chamar mamãe no quarto, porque ele estava mais calmo. Ela queria fazer sonhos. O óleo esquentou. Ele jogou a pinga sobre o fogo e no óleo. Ele disse que queira nos incendiar. A chama subiu alto, ela podia ter queimado o rosto da mamãe. O gabinete começou a pegar fogo. Apagamos rapidinho, disse a criança (MÜLLER, 2013, p. 187).

A descrição da cena, além de pontuar uma das manifestações da violência está atrelada, sobretudo, aos efeitos dessa prática sobre os indivíduos. O fato de a escritora ter a sua vida marcada por questões semelhantes, possibilita-nos estabelecer pontos de contato entre a vida e a obra de Müller. Assim, a abordagem desta temática pontua as feridas não cicatrizadas de uma infância cerceada pela atmosfera da violência em suas mais variadas formas. Deste modo, a escrita mülleriana faz parte de um “projeto autobiográfico”³ indissociável de sua literatura, não por uma via intencional, mas sim por uma conexão estabelecida entre a vida e a arte impossível de se desfazer. Essa relação fez surgir nos críticos o desejo de uma mudança em sua temática. A proposta solicitava que a escritora abandonasse o seu passado romeno para narrar o país que a acolheu por mais de vinte anos, a Alemanha. Diante desta solicitação, ela responde:

Ao escrever, tenho de me manter ali onde estou mais ferida interiormente, senão é claro que não precisaria escrever e, quanto mais olhos eu tenho para a Alemanha, mais o atual se conecta com o passado (MÜLLER, 2003, apud BLUME, 2013, p. 58).

A declaração de Müller deixa clara a necessidade vital de sua escrita. É nas feridas do regime, do seu passado romeno de intensos momentos de degradação humana, além do silenciamento e das formas de violência presenciadas por ela na infância, que as recordações se tornam as aliadas de um processo de transformação no presente. Em uma

³ Em sua tese de doutorado, Astrid SCHAU interpreta a obra de Müller “em sua totalidade como um projeto autobiográfico”. SCHAU, Astrid. **Leben ohne Grund**. Konstruktion kultureller Identität bei Werner Söllner, Rolf Bossert und Herta Müller. Bielefeld: AisthesisVerlag, 2003.

entrevista concedida no ano de 1988, Herta Müller afirmou que o tema de sua escrita não era uma escolha, era uma busca do tema por ela; uma imposição da vida que lhe foi atribuída e, por este motivo, uma está condicionada a outra. (HAINES/LITTLER, 1998, apud BLUME, 2013, p. 58). Deste modo, vida e escrita fundem-se para compor a especificidade de uma obra que busca, por intermédio das memórias, resgatar o passado na tentativa de organizar e reestruturar a vida.

A representação da violência na obra mülleriana

Na história da humanidade, a violência perpetrada pelo ser humano traz em seus registros inúmeros relatos desta prática, e em diferentes períodos, envolvendo as mais variadas civilizações. Por estar intrinsecamente relacionada ao modo de ser e agir dos seres humanos e de determinadas instituições, sobretudo, no que diz respeito às formas de estruturação e organização das sociedades, este fenômeno apresenta-se como um elemento de grande importância para a consolidação de interesses sociais, políticos e econômicos. Incontáveis são os registros da inserção desta prática como um recurso de intimidação e tentativa de imposição do poder, contudo, um dos mais significativos e cruéis está relacionado aos relatos de muitos indivíduos vitimados pelos sistemas ditatoriais que marcaram o século XX.

Nesses regimes, a instauração dessa forma de violência ocasionou efeitos devastadores nesses indivíduos. Em proporções gigantescas, eles foram obrigados a viver em condições desumanas nos campos de trabalhos forçados. Milhares perderam as suas vidas, os que conseguiram sobreviver precisaram aprender a conviver com a experiência da perseguição, da tortura e da constante iminência da morte. Foi um sistema político- ideológico que imprimiu o terror e assombrou seus iguais, deixando o triste legado de um dos maiores crimes contra a humanidade, além de marcas indeléveis em suas vítimas. Marcando presença desde o início da constituição da humanidade, a violência manifesta-se em espaços e em formatos muito variados e, por vezes, de maneira quase imperceptível.

Incorporada à obra de Herta Müller, a violência é a temática que move a sua escrita. Visível, mas também muitas vezes discreto, esse fenômeno social apresenta-se constantemente em sua obra. Portanto, pensar a temática da violência a partir da leitura de Müller é uma tentativa de apreendermos as formas de manifestação desse fenômeno

tão latente em sua obra. Assim, é por intermédio da definição de Norberto Bobbio *et al*, em seu *Dicionário de política* Vol. 1 (1998), que pretendemos alcançar a compreensão mais apurada desse fenômeno, possibilitando assim o avanço das reflexões. Entende-se por *Violência*:

[...] a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja Violência é preciso que a intervenção física seja voluntária: o motorista implicado num acidente de trânsito não exerce a Violência contra as pessoas que ficaram feridas, enquanto exerce Violência quem atropela intencionalmente uma pessoa odiada. Além disso, a intervenção física, na qual a Violência consiste, tem por finalidade destruir, ofender e coagir. É Violência a intervenção do torturador que mutila sua vítima; não é Violência a operação do cirurgião que busca salvar a vida de seu paciente. Exerce Violência quem tortura, fere ou mata; quem, não obstante a resistência, imobiliza ou manipula o corpo de outro; quem impede materialmente outro de cumprir determinada ação. Geralmente a Violência é exercida contra a vontade da vítima. Existem, porém, exceções notáveis, como o suicídio ou os atos de Violência provocados pela vítima com finalidade propagandística ou de outro tipo (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1291).

A violência expressa por Bobbio *et al* (1998) é definida a partir de uma perspectiva bastante didática. Esse olhar, teoricamente criterioso, possibilita ampliar o horizonte da significação; aguçar a percepção de suas múltiplas manifestações; e refletir sobre a presença e atuação constante deste fenômeno. Além disso, a análise da conceituação deste termo estabelece uma estreita relação entre a violência e as relações humanas, tornando-se facilitadora de uma aceção ainda mais ampla: de um fenômeno inseparável da condição humana. Assim, discorrer sobre esta singularidade é refletir, antes de tudo, sobre as condições e a capacidade do ser humano em executá-la. Nesse sentido, *Fera d'alma* (2013), munida de inúmeros registros relacionados à violência e suas formas de atuação, apresenta-nos uma escrita norteada pela arte de representar a dolorosa realidade da ditadura romena. Müller, consciente da necessidade do não esquecimento, traz à tona relatos dolorosos dos horrores perpetrados pela ditadura romena, utilizando-se da ficção e das metáforas, que engrandecem a obra, com o intuito de traduzir, ainda que de maneira precária e fragmentada, a crueldade humana. É a consciência de uma ação arbitrária e desumana sobre os indivíduos, causadora de efeitos devastadores, que faz a escrita de Müller voltar-se para a necessidade do registro. Assim, sensibilizada e tomada de uma sutileza constante, ela descreve a violência de formas variadas em sua obra, como denotam os trechos a seguir: “Edgar dizia que o

próprio serviço secreto divulgava os boatos sobre as doenças do ditador, para estimular as pessoas a fugir e depois, pegá-las” (MÜLLER, 2013, p. 56). Baseado nas definições de Bobbio (1998), o primeiro trecho deixa clara uma forma de violência que manipula o corpo, de indução ao processo. O segundo, revela uma ação ainda mais incisiva:

Apenas o ditador e seus guardas não querem fugir. Dava para ver em seus olhos, suas mãos, seus lábios: eles vão continuar a construir cemitérios com cachorros e balas, hoje e amanhã também. Mas também com o cinto, com a noz, com a janela e com a corda” (MÜLLER, 2013, p. 54).

A violência do torturador que mutila, fere ou mata a sua vítima, reforçando o didatismo de Bobbio *et al* (1998), é descrita por uma figura de linguagem (eufemismo) que suaviza a ação, tornando-a menos chocante, mas não menos dolorosa e abominável, com o uso da expressão “construir cemitérios”. Sendo assim, lidar com o desconforto da violência é, para Müller, uma forma de resistência. Resistir a aceitação da violência como uma extensão do poder, mantendo relações com as instâncias políticas e econômicas, a não-consciência dos efeitos irreversíveis à humanidade, mas, sobretudo, a manifestação da violência nos indivíduos, embora sendo um fenômeno inerente à condição humana. Nesse sentido, a literatura, atrelada a outras ciências, promove um espaço de múltiplas reflexões em relação à presença da violência na contemporaneidade.

O sociólogo, jornalista e escritor alemão Wolfgang Sofsky, em sua obra *Tratado de la violencia*, (2006), demonstra a sua percepção em relação à representação da violência na sociedade moderna. Para ele, desde a implantação do sistema de organização social, a violência apresentou-se de maneira latente, pois o sucesso desse empreendimento político, muito mais do que social, dependia exclusivamente de determinada autoridade. Por intermédio de uma fábula ele remonta todo o ciclo da tentativa de organização da sociedade, bem como a instituição de leis e regras, com o intuito de padronizar os modos de convivência na sociedade.

Pautada pelos critérios da autoridade e do poder, ela se baseava na retirada de liberdade, na intensidade e rigidez das punições, possibilitando a criação de uma conspiração contra esse sistema e, conseqüentemente, a perpetuação da violência. Isto porque, essa forma de opressão fez emergir um sentimento de impotência diante de si e do mundo, uma “monotonia regulada” e sem objetivos. Sendo assim, na tentativa de

resgatar suas liberdades individuais, grupos oprimidos promoveram uma agitação e atentaram contra a “casa das leis”, tomaram seus espaços, suas armas, mutilaram estátuas que abrigavam os santuários por muito tempo, destruíram quadros, mataram, fizeram tudo o que era proibido fazer, regressando assim as suas origens. O mito, que descreve a simplicidade de uma narrativa, demonstrou uma verdadeira festa da liberdade, uma celebração do triunfo do poder sobre as leis, mas, sobretudo, uma explicação de como o que antes era distinto, chegou a ser o que é. Na percepção de Sofsky (2006), esse mito possui uma estranha afinidade com as ideologias políticas, justificando o contrato, a lei e o poder. Em suas análises, a fábula não remonta somente as origens da constituição da sociedade e da formação e fundamentação do Estado, mas do ciclo da civilização e seu retorno ao começo. O seu pensamento racional traz à tona a análise da constituição de uma instituição, gerada pelo seu sistema natural de organização, que reflete a posição do Estado no seu exercício de domínio, tortura e perseguição. E sua ordem, quando colocada em prática, desemboca na revolta e na festa do massacre.

É a violência engendrando o caos e a ordem engendrando a violência (SOFSKY, 2006, p. 5-23). São fenômenos distintos, contudo intrinsecamente relacionados, pois com base no medo *da violência* a ordenação acaba por gerar o mesmo medo e, conseqüentemente, a violência. Para ele, essa união entre os homens não está fundamentada na necessidade de sociabilidade, nem tampouco de trabalho, mas na violência, por sua necessidade de proteção mútua. É a força da sobrevivência retomando o seu sentido mais latente. Nesse aspecto, as convenções não limitam nenhum ato, portanto os abusos são possíveis em todos os momentos. Sendo assim, a *anarquia* desse sistema, que autoriza uma espécie *de mundo e sem regras*, não caracteriza o exercício da violência para o todo, mas antes, a possibilidade de que todos, em algum momento possam exercê-la, tendo ou não uma finalidade. *Fera d' alma* (2013) exemplifica de maneira clara a prática descrita por Sofsky (2006):

E eu pensava que tudo aquilo que prejudica aqueles que constroem cemitérios tem alguma utilidade. Que, ao escrever poemas, tirar fotos e cantarolar vez ou outra uma canção, Edgar, Kurt e Georg incitavam o ódio naqueles que construíam cemitérios. Que esse ódio prejudicava os guardas e por fim também o ditador perderiam a cabeça por causa desse ódio. (MÜLLER, 2013, p. 55-56).

A análise de Sofsky (2006), atrelada a descrição de Müller, coloca-nos em uma posição de observação e perscrutação profunda da ação humana. É quase sintomático, mas não é regra, que a violência e o autoritarismo criem uma espécie de desorientação, desembocando, muitas vezes, em uma reação violenta. É Sofsky (2006) que define esta constatação ao entender o medo como uma das maiores formas de perpetração da violência. É o medo que sentem uns dos outros, no ato de preservação do ser humano. Somente a confiança em uma perspectiva de vida, ou seja, a confiança de que sua integridade não será ameaçada, é que tornará possível a extinção da violência. É a permanência do contrato de respeito recíproco que vai criar condições para a possibilidade da vida social. Na tentativa de compreender e justificar a proliferação do medo, o filósofo pauta-se na estruturação fundamental do poder, pois, todo poder baseia-se na arbitrariedade e no medo insuperável. Ele não se fundamenta na crença de sua legitimidade, mas antes no medo da violência e da morte, na intimidação exercida sobre o servo, que obedece para sobreviver. Essa espécie de poder não cria possibilidades de paz, mas antes expande o desejo de conquistas, assimilação e incorporação de suas metodologias de ordenação social. Ainda de acordo com suas observações, nenhum Estado teve sua origem pautada em convenções e contratos, pois sua fundamentação vem sempre acompanhada de atos de violência e exageros em massa. Assim, durante toda a história da humanidade, as vítimas continuam sendo vítimas e o poder não está livre da violência (SOFSKY, 2006, p. 9-10; 12-13).

A violência analisada por Sofsky (2006), baseada na relação existente entre *ordem* e *violência*, aproxima-se em muito às situações cotidianas enfrentadas pela jovem e seus amigos, todos vitimados pelo sistema repressivo romeno, de acordo com a seguinte passagem:

Como tínhamos medo, Edgar, Kurt, Georg e eu ficávamos juntos todos os dias. Comíamos juntos à mesa, mas o medo permanecia individualmente na cabeça de cada um, do jeito que o trazíamos quando nos encontrávamos. Ríamos muito para escondê-los uns dos outros. Mas o medo escapa. Quando conhecemos o seu rosto, ele entra na voz. [...]. No medo, perscrutávamos o outro tão profundamente, de um jeito que não era permitido (MÜLLER, 2013, p. 80).

Sofsky (2006) nos dá condições para crer que a confiança em uma perspectiva de vida torna possível a extinção da violência. Todavia, entender a violência como um elemento constitutivo da raça humana pode nos servir de base para criarmos novas

perspectivas, sobretudo, se levarmos em conta que, desde a constituição das sociedades, “onde existem seres humanos, de algum modo existe violência” (BASTOS, 2010, p. 41), por encontrar-se entrelaçada à história da sociedade. Partindo desta constatação, o filósofo Pedro Duarte (PUC-RJ), em seu ensaio *Violência na mudança e mudança na violência* (2015), pontua a importância de assumirmos essa condição:

Somos violentos. É preciso começar assim. Mais do que assumir que há violência na sociedade, no mundo e na história, como se estes fossem distintos do próprio homem, precisamos enunciar na primeira pessoa do plural que nós mesmos somos violentos. Talvez isso seja pouco, e tenhamos que enunciar a sentença, cada um de nós, na primeira pessoa do singular, a fim de evitar sua queda na generalidade abstrata da qual nos excluiríamos como particularidade concreta. Eu sou violento. Reconhecê-lo está distante de qualquer confissão de culpa moral. Pois a violência, pelo menos em um sentido, não é uma opção, não é um arbítrio moral, mas constitui ontologicamente o modo de ser do homem. Na medida em que somos, nós já somos violentos. Podemos tentar sê-lo o menos possível. Mas estamos aí tentando assumindo a necessidade de contrariar algo que há em nós. (DUARTE, 2015, p. 59).

O mergulho consciente nessa perspectiva, além de produzir o reconhecimento de uma condição própria do ser, possibilita um olhar diferenciado sobre as relações humanas. O fato de a escritora, por vezes, imprimir em suas personagens ideais violentos, reforça não só a consciência de seres humanos dotados dessa particularidade, mas, principalmente, a tentativa de contrariar o fenômeno:

Cada um de nós imaginava como largar os amigos por meio do suicídio. E os censurávamos, sem nunca dizer, por termos pensado neles e, por isso, não chegarmos até o fim. Dessa maneira, todos se justificavam e tinham nas mãos o silêncio que culpava o outro, porque a pessoa e o outro viviam em vez de estarem mortos (MÜLLER, 2013, p. 226).

Cerceada por esse regime sistemático e burocraticamente organizado para perseguir, aterrorizar e dizimar seus opositores, Müller transforma a temática da violência no elemento fundamental de sua obra. Os registros marcam, não somente o absurdo desse fenômeno psicossocial, mas a situação limite em que viviam, não somente como uma forma de relato, mas também como forma de resistência. A violência do regime não cessou ao término de sua vigência, pois muitas vítimas ainda encontram inúmeras dificuldades em relatar esses acontecimentos e reconstruir as suas

vidas. Nesse sentido, a linguagem assume um papel de grande representatividade, não apenas para a reprodução desses relatos, em seu formato testemunhal, mas sobretudo para a reconstrução de suas próprias identidades. É, portanto, o ato de narrar e a força de reelaboração do trauma, por intermédio da memória, que faz dessa linguagem um veículo de expurgação desses fantasmas que devastaram a condição humana.

Motivada pela importância do não-esquecimento, ela revela em suas obras a qualidade de textos que demonstram a força de uma narrativa que se dispõe a quebrar o silêncio do período ditatorial, impressa por um diferencial: a linguagem de uma poética dolorosa que entrelaça as suas experiências e a do outro, mesmo tomada pelos traumas deixados pela repressão. São registros reais que se misturam à ficção, entrelaçados às histórias de personagens marginalizados que vivem sob a sombra do medo e das incertezas em relação aos relacionamentos humanos.

É dessa matéria que a obra de Herta Müller é constituída, dos relatos das memórias fragmentadas, das dores, da impotência e submissão ao regime repressivo e, sobretudo, das inúmeras estratégias de sobrevivência. Munida de um material memorialístico duplamente intenso, por também partilhar de muitas dessas experiências, ela reconstrói esses relatos com a singularidade de uma escrita dissidente e resistente, na luta pela veracidade dos fatos e pela tentativa de reconstrução da identidade.

Conclusão

A escrita de Herta Müller, marcada pelos efeitos da violência ditatorial, imprime uma linguagem bastante singular em relação a este regime. É nas entrelinhas de *Fera d'alma* (2013) que a violência deixa transparecer os seus efeitos devastadores, pois é na linguagem fraturada e nas feridas visivelmente não cicatrizadas que alcançamos a percepção e a profundidade de uma produção realizada no limiar entre a vida e a constante presença da morte. Norteada por um sistema que estabeleceu uma intrínseca relação entre violência e poder, suas narrativas capturam não apenas as estratégias de manipulação e dominação dos indivíduos, mas também a capacidade do ser humano em executar a violência. Essa habilidade em apropriar-se da verdade advém de sua necessidade, não apenas de relatar as experiências dolorosas e devastadoras desses regimes sobre os indivíduos, evitando assim a reincidência, mas, sobretudo, de contribuir para a reconstrução da identidade e do equilíbrio da condição humana. Assim,

mesmo trazendo no corpo as marcas desse cerceamento, ela opta por denunciar esse sistema por intermédio da literatura. Nesse sentido, a escritora empresta toda a intensidade dessa experiência a um narrador-personagem que descreve toda a trajetória e a profundidade dos fatos imprimindo, de forma sensível, o relato de narrativas dolorosas do pós-guerra sem, contudo, afastar-se de uma linguagem sensível.

Referências

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Trad. Carmem C. Varrialle *et al.* **Dicionário de política**. Vol. I Editora Universidade de Brasília, UNB, 1998. p. 1291-1298.

BLUME, Rosvitha Friesen. Deslocamentos e exílios múltiplos em Herta Müller: confluências entre vida e obra. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, Florianópolis- SC, p. 1-8, ago. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/adria/Desktop/Tese/Fortuna%20crítica%20de%20Herta%20Müller/1278106743_ARQUIVO_FazendoGenero9-Rosvitha.pdf>. Acesso em: 09 set. 2018.

_____. Rosvitha Friesen. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico na literatura contemporânea em língua alemã. *Pandemonium*, São Paulo, v. 16, n. 21, p.48-78, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64129/0>>. Acesso em: 20 maio 2017.

DUARTE, Pedro. Violência na mudança e mudança na violência. In: NOVAES, Adalto (Org.). **Mutações: fontes passionais da violência**. São Paulo: Sesc, 2015. p. 59-78.

SOFSKY, Wolfgang. *Tratado sobre La violencia*. Trad. Joaquín Chamorro Mielke. Abada Editores, Madri, 1996.

MÜLLER, Herta. **Fera d'alma**. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2013.